



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

AS MUSAS NA POESIA LATINA: UM PRIMEIRO OLHAR

Jessica Cardozo da Silva

Rio de Janeiro

2015

JESSICA CARDOZO DA SILVA

AS MUSAS NA POESIA LATINA: UM PRIMEIRO OLHAR

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador: Prof^a Dr^a Arlete José Mota.

RIO DE JANEIRO

2015

CIP - Catalogação na Publicação

S586m Silva, Jessica Cardozo da
As Musas na poesia latina: um primeiro olhar /
Jessica Cardozo da Silva. -- Rio de Janeiro, 2015.
24 f.

Orientador: Arlete José Mota.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Espanhol, 2015.

1. Musa. 2. poesia. 3. literatura latina. 4.
Horácio. I. Mota, Arlete José, orient. II. Título.

SUMÁRIO

1- Introdução	p. 5
2- As Musas na cultura clássica	p. 7
3- Horácio: um vate e as Musas	p. 11
4- Conclusão	p. 22
5- Referências Bibliográficas	p. 23

1.Introdução

A palavra musa ao longo da história povoa o imaginário de poetas e leitores. Com o uso vocábulo, a inspiração artística parece originar-se de um outro plano, de uma outra dimensão. Para os romanos, não bastava o talento (*ingenium*), mas eram necessários a dedicação e o estudo de técnicas de composição (*ars*). As Musas, habitantes desse outro plano (divino), inspiram, protegem; citá-las (invocá-las) é um dos princípios da composição épica. Tais considerações encontram-se exemplificadas na poesia de Horácio, o lírico por excelência.

Ao refletirmos a respeito da função poética das Musas (e das Camenas), julgamos pertinente observar como os poetas latinos trataram das Musas. Em um primeiro momento de nossa pesquisa, já nos deparamos com uma quantidade expressiva dos vocábulos Musa e Camena (no singular e no plural), em Horácio. Mas a escolha do poeta se deve a outro fator, não quantitativo: o poeta se apresenta na Ode III, 1 como um “sacerdote das Musas”. O mesmo Horácio que se auto- intitula vate (o poeta inspirado).

Em nossos passos iniciais, pesquisando Horácio, observamos também um número maior de exemplos das Musas nas *Odes*, o que nos motiva a dar um destaque maior a essa obra.

Objetivamos então neste trabalho apresentar as ocorrências dos vocábulos Musa e Camena, na obra de Horácio, complementando a citação com breves comentários pertinentes ao contexto da passagem escolhida. Salientamos que buscaremos também um breve comentário literário de alguns dos versos selecionados.

Em termos metodológicos, destacamos que iniciaremos nosso trabalho com informações essenciais a respeito do mito, passando em seguida para os comentários dos exemplos extraídos dos poemas horacianos. Esclarecemos que, em virtude do espaço de que dispomos para a finalização deste trabalho, optamos por informações mais objetivas e pela citação mais precisa da passagem escolhida.

Ainda em termos metodológicos, no capítulo referente à exemplificação optamos por dividir os exemplos em dois grupos, nomeados como “Musas” e “Camenas”, utilizando uma estrutura de tópicos, que, acreditamos, facilita a consulta e a visualização.

Quanto às nossas fontes teóricas, partimos especialmente de Junito de Sousa Brandão, cujo *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana* foi o ponto de partida

essencial para o estudo das Musas.

Quanto às edições críticas da obra horaciana, utilizamos as edições comentadas por F.Plessis e P. Lejay (2011) e Mario Scaffidi Abbate (1992).

Em relação à tradução dos excertos, salientamos que traduzimos a maior parte dos textos latinos, exceto na tradução das seguintes passagens: das *Epístolas* I, 19 e II, 1, em que utilizamos a bela tradução de José Ewaldo Scheid (FLACO, 1997); e da *Arte poética*, em que escolhemos a precisa tradução de R. M. Rosado Fernandes.

2.As Musas na cultura clássica

De Homero a Virgílio. De Virgílio a Camões. Os poetas cantam suas musas (ou são encantados). Sejam Calíope ou as Tágides. Tal foi a importância da inspiração poética que exerceram, que ainda hoje o vocábulo musa designa popularmente uma fonte de sentimentos mais puros, uma inspiração e um modelo de beleza e perfeição. Como salienta Jaa Torrano, com relação à palavra Musa, que dá título ao capítulo III (Musas e ser) de seu comentário sobre Hesíodo,

...Dentro da perspectiva da experiência arcaica da linguagem, por outra palavra qualquer o canto não poderia começar, não poderia se fazer canto, ter a força de trazer consigo os seres e os âmbitos em que são. É preciso que primeiro o nome das Musas se pronuncie e as Musas se apresentem como a luminosa força que são das palavras cantadas, para que o canto se dê em seu encanto. Pois dentro desta perspectiva arcaica, o nome das Musas são as Musas e as Musas são o Canto em seu encanto. O nome das Musas é o próprio ser das Musas, porque as Musas se pronunciam quando o nome delas se apresenta em seu ser, porque quando as Musas se apresentam em seu ser, o ser-nome delas se pronuncia. (In: HESÍODO, 1986, p.21).

Para entrarmos na esfera do mito, convém ressaltar que mito é relato, narração de feitos imaginários. Pensemos na busca da erudição, da versão menos conhecida de certos mitos, na beleza formal da poesia e recordaremos dos *poetae noui* (que resgataram um fazer poético do período alexandrino): Horácio é um *poeta nouus*. E é o exemplo máximo de beleza formal associada ao conteúdo preciso, claro. É necessário então fazermos um longo percurso através dos mitos gregos e latinos para entendermos certos aspectos de seu texto.

O povo romano é reconhecido por sua religiosidade (expressa nos cultos públicos e privados) e se diziam bastante piedosos (no sentido essencial de *pius*, o que cumpre seus deveres, virtuoso). Além disso, curiosamente, os romanos convidam os deuses de seus adversários a se juntar a eles e pedir por toda a Roma. Sendo assim, os deuses dos adversários vencidos na guerra deixam de segui-los e passam a ficar do lado dos romanos. Recordemos que os deuses romanos são antropomórficos e propensos às mesmas oscilações de temperamento que os homens

Ao estudarmos a mitologia latina percebemos elementos distintos da fonte grega, no que diz respeito a crenças, rituais e deuses. Mas, para compreendermos de forma mais clara a matéria de que dispunha um poeta como Horácio, idealizamos uma breve digressão a respeito de certas lendas.

Iniciamos nosso comentário com Zeus, quando este destrona seu pai Cronos, após vencer uma guerra com os Titãs junto com seus irmãos, aprisionando os derrotados no Tártaro. Houve uma divisão territorial: Zeus ficou com o céu e a terra, posicionando-se como o maior dentre os deuses. De suas uniões nasceram filhos deuses e semideuses e uma dessas uniões se deu com a deusa Mnemósine, filha de Geia, guardiã da semente e da vida, e de Urano, deus do Céu, e irmã de mais cinco mulheres (Febe, Rea, Têmis, Téia e Tétis) da primeira geração de divindades. Mnemósine era a personificação da memória. Para Commelin, Mnemósine (ou Memória)

...é representada por uma mulher que segura o queixo, atitude de meditação. Alguns antigos pintaram-na sob os traços de uma mulher de idade quase madura; tem uma cabeleira ornada por pérolas e pedrarias, e segura a ponta da orelha com os dois dedos da mão direita. (COMMELIN, 1997, p.298).

A memória, assim acreditavam, era o que diferenciava os homens dos outros seres. Não há muitas histórias sobre a deusa. Suas filhas ganharam fama maior: as Musas – há tradições, entretanto, que apontam as Musas como filhas da Harmonia ou de Urano com Geia (ou seja, a Terra e o Céu).¹

Assim são narrados os acontecimentos que envolvem o nascimento das Musas: foi solicitado a Zeus que, depois da vitória sobre os Titãs, fossem criadas divindades, que cantassem a vitória e perpetuassem a glória dos Olímpicos. Assim, durante nove noites, Zeus partilhou o leito com Mnemósine e esta deu à luz a nove filhas (as Musas). Assim o encontramos em Hesíodo, na *Teogonia*, vv. 53- 67:²

¹ À guisa de complementação ao tema, citamos que havia no Olimpo dois grupos compostos por belas jovens: as Graças e as Musas. Sem elas não havia tanta alegria nos banquetes.

² Tradução de Jaa Torrano (In: HESÍODO, 1986).

Na Piéria gerou-as, da união do Pai Cronida,
 Memória rainha nas colinas de Eleutera,
 para oblvio de males e pausa de aflições.
 Nove noites teve uniões com ela o sábio Zeus
 longe dos imortais subindo ao sagrado leito.
 Quando girou o ano e retornaram as estações
 com as minguas das luas e muitos dias findaram,
 ela pariu nove moças concordes que dos cantares
 têm o desvelo no peito e não-triste ânimo,
 perto do ápice altíssimo do nervoso Olimpo,
 aí os seus coros luzentes e belo palácio.
 Junto a elas as Graças e o Desejo têm morada
 nas festas, pelas bocas amável voz lançando
 dançam e gloriam a partilha e hábitos nobres
 de todos os imortais, voz bem-amável lançando.

O número que especificava quantas eram as Musas variou bastante, de acordo com a tradição. Foi na época clássica que se fixou o número nove – e se fixaram também as atribuições de cada uma delas. Seguem os nomes das nove Musas (Calíope é a mais importante), acompanhadas de suas atribuições essenciais (Cf. GRIMAL, 1993):

- Calíope: poesia
- Clio: a história
- Polimnia: a pantomima
- Euterpe: a flauta
- Terpsícore: a poesia ligeira e a dança
- Erato: a lírica coral
- Melpômene: a tragédia
- Talia: a comédia
- Urânia: a astronomia

As Musas inspiravam. Cabia ao poeta obedecê-las. Felizes os que as acolhiam. Em Hesíodo (*Teogonia*, vv.96- 103)³, vemos que as Musas

...Feliz é quem as Musas
 amam, doce de sua boca flui a voz.
 se com angústia no ânimo recém-ferido

³ Cf. nota anterior.

alguém aflito mirra o coração e se o cantor
 servo das Musas hineia a glória dos artigos
 e os venturosos deuses que têm o Olimpo,
 logo esquece os pesares e de nenhuma aflição
 se lembra, já os desviaram os dons das deusas.

Sendo as responsáveis pela diversão dos deuses, usavam de talentos como a eloquência, a dança e a música, e dos conhecimentos de história e persuasão - além da arte e da matemática. Antes, as Musas eram aquelas que se dedicavam apenas à música. Com o tempo, a função de cada uma delas foi se expandindo e diversificando.

Inicialmente, as Musas eram consideradas virgens, com castidade comprovada, sendo castigado quem as tocasse. Após um determinado tempo a ideia foi modificada, já que havia relatos nos quais as Musas tinham filhos.

Acrescentamos ainda que as Musas eram cultuadas, originalmente, na Trácia, onde se encontrava o seu santuário mais antigo, mas o culto foi estendido para a região da Beócia, no monte Helicão.

Quanto às questões relativas à etimologia do vocábulo Musa e à associação, em Roma, das Musas com as Camenas, passaremos a seguir a tecer alguns comentários.

Etimologicamente, relacionou-se a palavra Musa ao grego *Mousa*. Tal assertiva é considerada controversa. Devemos levar em consideração que o termo Musa, no singular, designa também qualquer figura feminina real ou imaginária que inspire sentimentos (ou atitudes) positivas. Além disso, à guisa de curiosidade, recordamos que Museu é o templo das Musas – e que o vocábulo música também se prende às Musas.

Houve uma identificação das Musas gregas com as Camenas, as ninfas das fontes. Segundo Tassilo Orpheu Spalding, “A sudeste de Roma, perto da porta Capena, as Camenas tinham suas fontes proféticas que curavam as doenças e proferiam oráculos (...). Mais tarde os poetas confundiram as Camenas com as Musas.” (SPALDING, 1982, p. 37-38).

Do ponto de vista etimológico, Junito Brandão afirma que “Os antigos relacionavam erradamente o termo com o neutro *carmen*, ‘fórmula ritmada, fórmula mágica, poema, canto’, pelo fato (...) da identificação da *Camenas* com as Musas (...).” (BRANDÃO, 1993, p. 63).

Observando uma espécie de percurso temporal do uso do vocábulo Camenas, encontramos em poetas como Lívio Andronico e Névio, uma identificação das Musas com as Camenas, utilizando este último vocábulo. Já Ênio e os poetas seguintes, optaram pelo nome grego *Mûsai* (*Musae*, no latim). As divindades rústicas latinas, as Camenas, ganham espaço na

época imperial (Cf.BRANDÃO, 1993). É o que veremos a seguir com os exemplos extraídos de Horácio.

3.Horácio: um vate e as Musas

A ode II, 20 descreve a metamorfose do poeta em cisne. É uma dos poemas em que Horácio (*L. Quintus Horatius Flaccus*, 65-8 a. C., Venúsia, na Aufídia, sul da Itália) se apresenta como vate:

Non usitata nec tenui ferar
pennas biformis per liquidum aethera
vates, neque in terris morabor
longius invidiaque maior

urbes relinquam.

(vv. 1-5)

(Eu, vate de dois rostos, serei levado não pela delicada pena: seguirei através do líquido éter; nem ficarei mais tempo sobre a terra, e maior que a inveja deixarei a cidade.)

O vocábulo *uates*, tem as seguintes acepções: adivinho, oráculo, agoureiro, ministro de um deus, profeta, vidente, poeta, vate, mestre em uma arte. Horácio é um poeta inspirado, um mestre; há algo de divino, de profético em sua poesia. Como um verdadeiro *poeta nouus*, tratou dos mais diversos assuntos, com perfeição formal – as características básicas da obra horaciana são: a perfeição, a nitidez, a precisão; forma e conteúdo bem reunidos, associados à reflexão filosófica. Seus temas: amores, góras militares, comportamentos em sociedade, amizade – sempre relacionados a uma forma de ver o homem em sociedade, através de um pensamento filosófico.

Passaremos a seguir ao levantamento das ocorrências dos vocábulos Musa e Camena (singular e plural). Por questões relacionadas à comodidade da consulta aos vocábulos, dividiremos os termos em dois blocos a saber: A) Musas; e B) Camenas. Esclarecemos

ainda que não seguiremos a ordem de publicação das obras horácianas⁴, mas uma ordem que destaca a quantidade de exemplos em uma determinada obra. Além disso, procuraremos, em breves palavras, falar do contexto geral do poema, e apresetnar um comentário com viés interpretativo.

Muitos são os exemplos em que Horácio emprega o vocábulo *Musa* (singular e plural). Quanto à *Camena* (tanto no singular quanto no plural): vemos em número bem menor. Seleccionamos aqui apenas as referências diretas aos vocábulos: não citamos os casos em que o poeta as nomeia, como, por exemplo, na Ode III, 30, Melpômene.

A) MUSAS

- Nas *Odes*:

- Ode I, 6

È dedicada a Vipsânio Agripa.

No verso 9, *inbellisque lyrae Musa* ('Musa da lira pacífica').

Poderíamos entender aqui o poder por vezes pacificador da lira – da poesia lírica.

- Ode I, 17

Horácio convida Tíndare para que este usufrua com ele a paz de sua casa de campo: o poeta afirma que é protegido pelos deuses, pois lhes agradam a sua piedade e a sua *Musa*, versos 13 e 14 (*Di me tuentur, dis pietas mea/ et Musa cordi est*).

Aqui notamos uma interessante associação de uma qualidade moral à inspiração poética. Os deuses o protegem por sua *pietas*. Caberiam aqui então algumas reflexões sobre o substantivo *pietas* e o adjetivo *pius*.

A *pietas* pode ser entendida como veneração pelos deuses, conhecimento dos seus designios, respeito pelos familiares, fidelidade aos amigos. Já quanto ao adjetivo *pius*, destaca Pereira:

⁴ Em ordem de publicação, temos: *Epodos* (41-30 a. C.), *Sátiras* (35 a. C.), *Carmina* (*Odes*, 30 a 20 a.C.), *Epístolas* (30 a.C., incluindo aqui a *Epístola aos Pisões*, a *Arte poética*) e o *Carmen Saeculare* (*Canto Secular*, 17 a. C.).

A **pietas** define-se habitualmente como um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes). Quer dizer, por conseguinte, que liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos sob a égide da **patria potestas**, e projetada no pretérito pelo culto dos antepassados. Está, pois, firmada nos sentimentos religiosos dos romanos, que se sentiam protegidos pelos deuses Manes, Lares e Penates, e que pensavam que o dono da casa tinha o seu **genius** tutelar e a esposa era protegida por Juno.

Estabelecendo assim um vínculo afectivo entre os membros de uma família, a **pietas** alargava-se à divindade, e acaba por compreender também as suas relações com o Estado (...). (PEREIRA, 1970, p.326-327).

Além do que foi expresso acima esses conceitos nos remetem às qualidades ideais de um romano: a *uitus*, a *fides* e a *pietas*, que têm em Enéias sua máxima expressão.

Voltando ao verso de Horácio: ele também agrada aos deuses através da Musa. Inspiração poética e virtude.

- Ode I, 32

É dedicada a sua lira, que foi tangida primeiramente por um cidadão de Lesbos, referência ao poeta Alceu. Este cantava a Liber, às Musas, a Vênus (*Liberum et Musas Veneremque .../...canebat* – vv. 9 e 10).

Aponta-se aqui, cremos, para uma infinidade temas adequados à poesia. O poeta em questão louva a sua própria inspiração poética, mas não deixa de cantar os amores.

- Ode II, 1

É dedicada a Asínio Polião.

Passagens: no verso 9: *severae Musa tragoediae* (“a Musa da severa tragédia” – isto é, Melpômene); e no verso 36, *Musa procax* (“Musa impudente”).

Destacamos o adjetivo relacionado à Musa: *procax* (“descarado”, “insolente”, “ousado”).

- Ode II, 10

O poeta se dirige a Licínio, recomendando a “aurea mediania” (*auream mediocritatem*, v. 5). O deus Apolo nem sempre distende o arco, preparando-se para a guerra, por vezes desperta a Musa com a cítara (*quondam cithara tacentem/ suscitavit Musam neque semper arcum/ tendit Apollo* – vv. 18 a 20).

- Ode II, 12

É dedicada a Mecenas.

A Musa do poeta recomenda que ele celebre a doce Licínia, amada de Mecenas (*Me dulcis dominae Musa Licymniae/ cantus* – versos 13-14)⁵.

- Ode III, 1

É a primeira ode do chamado ciclo de Odes Romanas, que tratam de temas cívicos e morais (Cf. FLACCO, 1992, p. 211).

Horácio se declara um “sacerdote das Musas” (*Musarum sacerdos*, v. 3). Vemos aqui um dado essencial para a compreensão do significado de *vate*, na poesia horaciana, e também para o entendimento de um outro vocábulo que ganha dimensão quase divina em sua obra: *carmen* (que também significa “a poesia inspirada”), lembrando que o próprio Horácio chamou a obra de *Carmina*.

⁵ Segundo Renato Ghiotto e Mario Scaffidi Abbate (FLACCO, 1992, p. 210) Licínia é Terência, mulher de Mecenas.

- Ode III, 3

A terceira Ode Romana. Aqui o poeta conclama a Musa (*pervicax*, “obstinada”, v. 70) a abandonar os discursos dos deuses e reduzir grandes coisas em pequenos versos (*Desine pervicax/ referre sermones deorum et/ magna modis tenuare parvis. –vv. 70 a 72*).

- Ode III, 19

Dedicada a Telefo. Há no poema uma imagem contrastiva entre a poesia épica, de temas mais sublimes, e a poesia lírica. Tem tom jocoso a passagem, “o vate que ama as Musas, ímpares em número, pedirá que sejam três taças por três, mas a Graça unida às suas irmãs nuas, temendo as lutas, proibirá mais de três” (vv. 13-17):

Qui Musas amat imparis,
ternos ter cyathos attonitus petet
vates, tris prohibet supra
rixarum metuens tangere Gratia
nudis iuncat sororibus.

- Ode IV, 8

É dedicada a Marcio Censorino, tem como tema a poesia que se eterniza na recordação dos pósteros (*Dignum laude virum Musa vetat mori,/ caelo Musa beat. – “A Musa não deixa morrer o homem digno de louvor e o premia com o céu” – vv. 28-29*).

No v. 20, há a referência às “Piérides da Calábria”(*Calabrae Pierides*)– referência à poesia de Ênio. Piérides, de Piéria, região da Trácia. Conforme Grimal (1993),

...epíteto local geralmente aplicado às Musas, sobretudo pelos poetas latinos (...). Segundo a lenda, as Piérides foram nove donzelas que quiseram rivalizar com as Musas. Eram filhas de Píero, natural de Péla, e de Evipe, e

cantavam divinamente. Subiram por isso ao Hélicon, a montanha sagrada das Musas, e desafiaram-nas para um concurso de canto. As Musas venceram-nas, punindo-as pela sua presunção: as Piérides foram transformadas em pássaros(...).

- Nas *Sátiras*:

- I, 5

É a sátira que narra que a viagem de Horácio a Brindes, plena de imagens pitorescas.

Nos versos 53-54: *Musa, velim memores et quo patre natus uterque/ contulerit litis*. - “Ó Musa, quisera agora que tu redordasses para mim a luta entre Sarmento, o libertino, e Cícirro Méssio e a origem dos dois contendores”).

Há a invocação à Musa. Tal qual um poeta épico que invoca a Musa para recordar os feitos de um herói.

- II, 3

Diálogo entre Horácio e Damasipo.

Tem-se no verso 105 a seguinte ideia: não deve comprar uma cítara quem não se dedica à Musa (*studio Musae*, v. 105) – dentre outras comparações que representam a nulidade de certas atitudes sem a reflexão.

- II, 6

Horácio destaca o desejo de uma vida simples.

Temos no verso 17 *musaque pedestri*. Para Edna Ribeiro Paiva, “musa pedestre, isto é, poesias que se aproximam da prosa, como as epístolas, de cujo tom esta sátira se aproxima.”⁶.

- Nas *Epístolas*, livro I

- I,3

⁶ In: HORÁCIO. *Sátiras*. Trad. e com. de Edna Ribeiro Paiva. Niterói: Editora da UFF, 2013, p.114.

É dedicada a Julio Floro e trata de uma orientação para os jovens que desejam a sabedoria e o sucesso na vida. (*auspice Musa* - “pelo favor da Musa”v. 13).

- I, 8

O poeta pede que sua Musa leve suas saudações a Celso Abinovano (*Musa refer rogata*, v.2).

- I, 15

Aqui o vocábulo Musa aparece como sobrenome do médico Antonio Musa (médico de Augusto) que o aconselhou a largar os banhos quentes (v.3).

- I, 19

Horácio entre os poetas de seu tempo. Ressaltamos que nesta epístola Horácio usa também o vocábulo Camenas (como veremos mais adiante).

No verso 28 temos: *Archilochi Musam*, “Musa de Arquíloco”.

- Nas *Epístolas*, livro II:

- II, 1

Epístola sobre a origem e valor da poesia. Há três passagens a serem destacadas:

Primeira passagem:

Albano Musas in monte locutas (“[livros dos pontífices] ditados pelas Musas, no monte Albano”, v.27).

Segunda passagem:

Castis cum pueris ignara puella mariti
disceret unde preces, uatem ni Musa dedisset?
(vv.132-133)

Tradução de José Ewaldo Scheid (In: FLACO, 1997):

De quem poderiam ouvir e aprender hinos de oração
os meninos castos

as donzelas não casadas,
se a musa não no tivesse presenteado com poetas?

Terceira passagem:

Musarum dona (“dons das Musas”, v.243).

- Na *Arte poética*

Esclarecemos que para a *Arte poética* utilizamos a tradução de R.M. Rosado Fernandes (In: HORÁCIO, 1984).

● vv. 83-85:

Musa dedit fidibus diuos puerosque deorum
et pugilem uictorem et equom certamine primum
et iuuenum curas et libera uina referre.

(A Musa concedeu à lira o cantar deuses e filhos de deuses; o vencedor no pugilato e o cavalo que, primeiro, cortou a meta nas corridas; os cuidados dos jovens e o vinho que liberta dos cuidados.)

● v. 141: a invocação à Musa (vocativo *Musa*) como fórmula épica.

● v. 323-324: a Musa deu aos gregos o talento (*ingenium*).

Lembramos que para o poeta não basta ter o *ingenium*, é necessário o estudo da técnica (*ars*).

● v. 406-407: não podem despertar pudor a Musa da lira, nem Apolo cantor (*Musa lyrae* v.407)

B) CAMENAS

- Nas *Odes*:

- I, 12

É dedicada a Augusto. O poeta pergunta que deus, herói ou mortal vai celebrar – enumeração que finda com elogio a família Julia.

Passagem: *referam Camena* “exaltarei com a Camena”. Para PLESSIS e LEJAY (HORACE, 1911, p. 29), “Camena, não é um simples equivalente de *carmine*, a Camena é a Musa Itálica: é a poesia nacional que celebrará os grandes nomes da pátria”⁷.

- II, 16

Dedicada a Pompeu Grosfos.

Trata do *otium*.

Passagem: *Graiae Camenae* (“Camenas gregas”, v.38). A junção dos vocábulos “Gregas” e “Camenas” é ponto de discussão – questionamos se seria semelhante à expressão “ nas calendas gregas”, isto é, nunca, uma vez que Calendas é uma nomenclatura típica do calendário romano, ou um recurso poético. O mesmo se dá na Ode IV, 9, como veremos mais adiante.

- III, 4

É a quarta Ode Romana. Invocação às Camenas (*Camenae*, v.21), como suas protetoras. Elas dão conhecimento aos espíritos

- IV, 9

Dedicada a Marco Lolio. Cita *Camenae* (v.8), referindo-se a autores gregos.

- Nas *Epístolas*:

- I, 1

⁷ Texto original: “Camena n’est pas un simple equivalente de *carmine*; la Camene est la Muse Italique: c’est la poésie nationale qui célébrera les grands hommes de la patrie.”(Tradução nossa)

Dedica a Mecenas a quem dedicou sua primeira Camena (e a quem dedica a última) – *prima e summa Camena* (v. 1).

● I, 19

Como vimos anteriormente, nesta epístola também é empregado o vocábulo *Musa*. Segue um excerto, com tradução de José Ewaldo Scheid (In: FLACO, 1997):

Prisco si credis, Maecenas docte, Cratino,
 nulla placere diu nec uiuere carmina possunt
 quae scribuntur aquae potoribus; ut male sanos
 adscripsit Liber Satyris Faunisque poetas,
 uina fere dulces oluerunt mane Camenae;
 laudibus arguitur uini uinosus Homerus;
 Ennius ipse pater numquam nisi potus ad arma
 prosiluit dicenda. ...

(vv.1-8)

(Sábio Mecenas,

se acreditas no velho Cratino, então por muito tempo
 aqui não pode agradar nada de poesia
 que tenha sido escrita por poetas que bebem água.

Desde que Baco inseriu os poetas malucos
 entre os Sátiros e os Faunos,
 começaram as delicadas Camenas
 a cheirar a vinho desde as primeiras horas da manhã.

Homero, diz a tradição, exaltou louvores ao vinho.

O pai Ênio não cantava as armas, sem antes ter bebido.)

- Na *Arte poética* ⁸,

- vv. 275-277:

Ignotum tragicae genus inuenisse Camenae
dicitur et plaustris uexisse poemata Thespis
quae canerent agerentque peruncti faecibus ora.

(Diz-se que Téspis descobriu o gênero desconhecido da Camena trágica e transportou, em carros, as suas peças que os actores cantavam e representavam de caras besuntadas com o mosto da uva.)

- No *Carmen Saeculare (Canto Secular)*:

- v. 62: Febo “querido da nove Camenas” - *Phoebus acceptusque novem Camenis*.

Resumidamente, os versos selecionados nos mostram distintos aspectos da relação do poeta com as Musas: como uma espécie de sacerdote, é protegido por elas. Como poeta *pius*, é inspirado por elas. Mas o que mais nos surpreende é que, além das invocações que por vezes são fórmulas épicas, há notas de um “temperamento”: a Musa impudente, a Musa obstinada. Refletimos também que as invocações mantêm uma atmosfera sagrada, própria do poema inspirado (*carmen*).

Como complementação poderíamos citar que em Virgílio, amigo de Horácio, e poeta da grande epopeia nacional, a *Eneida* há exemplos do vocábulo Musa na *Eneida* I, 8; VI, 667; IX, 77 ; IX, 775 e X, 190. Nas *Bucólicas*: I, 2; III, 60 e 84; IV, 1; VI, 7; VII, 19 e VIII. Nas *Geórgicas*: II,475; III, 11 e III, 315. Só um exemplo de Camena: *Bucólica* III, 59.

⁸ Traduções de R.M. Rosado Fernandes (In: HORÁCIO, 1984).

4. Conclusão

A seleção de exemplos de emprego dos vocábulos *Musa* e *Camena*, da obra horaciana levou-nos a algumas conclusões.

Se, a princípio, pensávamos em um levantamento de ocorrências de vocábulos, portanto, um trabalho que privilegiaria o aspecto quantitativo, a beleza dos versos e as possibilidades de interpretação dos usos das palavras, fizeram com que observássemos um poeta que se declara um “sacerdote das Musas”, corroborando um olhar específico para a suas próprias qualidades como vate. E há um outro vocábulo que ganha dimensão quase divina em sua obra: *carmen* (que também significa “a poesia inspirada”), lembrando que o próprio Horácio chamou suas odes de *Carmina*.

Concluímos que há invocações, em uma atmosfera sagrada. Há fórmulas épicas. Mas há um perfil comportamental traçado: *Musa obstinada*, *Musa impudente*.

Finalmente, acrescentamos que os valores encontrados aqui não distanciam muito do que se entende popularmente hoje como *Musa*: ser (normalmente belo) que inspira sentimentos. E inspira paixões.

5.Referências Bibliográficas

ABRÃO, Bernadette Siqueira; COSCODA, Mirtes Ugeda. *Dicionário de mitologia*. São Paulo: Nova Cultura, 2000.

BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os Romanos: Literatura, história e antiguidades*. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: E.P.U./ EDUSP, 1976.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Mitologia Grega*. Vol 1. Petrópolis: Vozes, 1986.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: História de deuses e heróis*. 34 ed.. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomas Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

FLACCO, Quinto orazio. *Tutte le opere*. A cura di Mario Scaffidi Abbate. Roma: Grandi Tascabili Economici, 1992.

FLACO, Quinto Horácio. *Obras seletas*. Trad. e comentários de José Ewaldo Scheid. Canoas: ULBRA, 1997.

GAILLARD, Jacques. *Introdução á literatura latina*. Trad. Cristina Pimentel. Lisboa: Editorial Inquérito, /1992/.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1993.

HAMILTON, Edith. *A mitologia*. Trad. Maria Luísa Pinheiro. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

HESÍODO. *Origem dos deuses*. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Roswita Vempf/ Editores, 1986.

HORACE. *Oeuvres*. Texte ét. et comm. par F. Plessis e P. Lejay. Paris: Hachette, /1911/.

HORÁCIO. *Arte poética*. Introd., trad. e notas de R.M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

MARMORALE, Enzo. *História da literatura latina*. Vol.I. Versão de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica. Vol II Cultura Romana*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

SARAIVA, F.R dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix: 1982.